



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1558

## O PROJETO CARBONO FLORESTAL SURUÍ: GERAÇÃO DE RENDA E DEFESA DO TERRITÓRIO

Zeus Moreno Romero<sup>1</sup>  
Universidade Estadual de Maringá

**Resumo.** O Projeto de Carbono Florestal Suruí (PCFS) é o primeiro projeto de Redução de emissões decorrentes do desmatamento e da degradação de florestas (REDD+) proposto em Terras Indígenas no Brasil. Consiste na proteção da terra indígena Sete de Setembro, região que se encontra bastante ameaçada por invasões, extração ilegal de madeira e desmatamento. O projeto é liderado pela Associação Metareilá do Povo Indígena Suruí – representante do povo Paiter Suruí, mas somente foi possível através da parceria de diversas instituições, entre elas: a Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé; o *Forest Trends* e o Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio). Este tipo de projeto, inserido na economia verde, tem o intuito de preservar a terra indígena dos Paiter Suruí, gerar renda mediante diversos projetos para melhorar o bem viver da comunidade e ajuda-los a inserir-se no mundo globalizado. Sendo assim, o objetivo deste artigo é analisar o percurso histórico vivenciado pelos Paiter Suruí, que os conduziu a ser os primeiros indígenas do Brasil a vender créditos de carbono. Para tal finalidade, são utilizados os documentos oficiais gerados pelas associações da comunidade e pelas organizações colaboradoras, além da bibliografia referente a História Paiter Suruí e suas parcerias no Projeto de Carbono Florestal Suruí. O artigo também evidencia que este tipo de projetos está sendo discutido em âmbito global. E conclui-se que os Paiter Suruí mediante sua forma de governança decidiram vender créditos de carbono, mas tendo que enfrentar uma divisão interna dos indígenas que não acreditam no projeto.

**Palavras-chave:** Paiter Suruí; Créditos de carbono; História do tempo presente.

---

<sup>1</sup> Historiador pela *Universitat de Barcelona* e mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá

## Introdução

O nome Suruí foi estabelecido pelos antropólogos responsáveis pelo primeiro contato. Na língua nativa desses indígenas, o nome original da etnia é Paiter, que significa “nós mesmos, o povo verdadeiro” Neste artigo optou se por utilizar a denominação Paiter Suruí, por ser a forma em que atualmente este povo prefere ser chamado. Uma forma intercultural, respeitando a autodenominação “Paiter” e o nome dado pela FUNAI “Suruí”. A língua dos Paiter Suruí pertence à família linguística Mondé, do tronco linguístico Tupi. A unidade de diversos povos que falam o Tupi Mondé traz consigo o projeto de estabelecer um corredor etnoambiental Tupi Mondé, com o objetivo de se organizarem nas demandas para os órgãos oficiais (COORDENAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA, 2013).

Atualmente os 1.241 indígenas Paiter Suruí vivem na Terra Indígena Sete de Setembro, localizada entre os estados de Rondônia e Mato Grosso. Em Rondônia, situa-se nos termos municipais de Cacoal, Ministro Andreazza e Espigão D’este. Já no Mato Grosso, no município de Rondolândia, onde alberga 9,5% dos indígenas. A extensão da Terra Indígena é de 248.146,921 hectares e a maioria da população (84,93%) concentra-se no município de Cacoal. Todos esses dados fazem referência ao território onde moram atualmente os Paiter Suruí, porém cabe lembrar que a terra ancestral dessa etnia estava situada na região de Cuiabá, de onde foram expulsos pela pressão colonizadora. A maior parte do território atual fica próximo à rodovia BR 364, que une Cuiabá a Porto Velho, o que facilita o acesso à Terra Indígena Sete de Setembro.

Este artigo tem como o objetivo deste artigo é analisar o percurso histórico vivenciado pelos Paiter Suruí, que os conduziu a se inserir no mundo capitalista e globalizado de hoje, até o ponto de ser os primeiros indígenas do Brasil a vender créditos de carbono. Para entender esse fato é necessário conhecer como era a vida antes do contato oficial com a sociedade brasileira, como foi e que consequência teve o contato oficial, e por último, descrever

como é atualmente a inserção do povo Paiter Suruí na sociedade capitalista e globalizada.

### 3. “O povo verdadeiro” antes do contato com os *Yara*<sup>2</sup>

Para entender melhor a relação dos indígenas com a natureza antes do contato, se utilizará neste tópico o livro *Diários da Floresta*, escrito pela antropóloga Betty Mindlin. Nesta obra a autora descreve suas primeiras viagens na Terra dos Paiter Suruí, entre 6 de Maio de 1979 e 8 de Janeiro de 1982. Portanto, os relatos de Mindlin começaram a ser escritos dez anos depois do contato. Nesse tempo as tradições ancestrais ainda se conservavam e os relatos, cantos e mitos dos Paiter Suruí estavam mais presentes na memória dos indígenas.

Antes de entrar na história propriamente do povo Paiter Suruí, cabe ressaltar que as primeiras memórias que tiveram de pessoas não indígenas datam do fim do século XIX, época em que emigraram da região de Cuiabá para Rondônia, fugindo da perseguição. Esse acontecimento provocou choques, em forma de guerra tribal, com outros povos indígenas para poder encontrar uma nova terra onde sobreviver. A partir dessa fuga, até a década de 1920, os povos indígenas da região sofreram graves consequências, devido aos contínuos confrontos, potencializados pelo início da exploração da borracha, da construção da estrada de ferro de Madeira-Mamoré e da instalação das linhas telegráficas, que produziram um forte fluxo migratório para Rondônia. Entre as décadas de 1940 e 1950, um novo ciclo econômico, de exploração da borracha e a extração de cassiterita (mineral de estanho), promoveu um rápido crescimento da população não indígena no então território de Guaporé. Nos anos 1950, os Paiter Suruí tiveram que fugir novamente, deixando para trás as suas aldeias (ROMERO, 2012).

Na década de 1950, a busca por uma nova terra ocorreu, conforme relatado em Mindlin (2006), via fluvial, com barcos de casca de árvore, que muitas vezes soçobravam e afogavam os tripulantes. Os Paiter Suruí fugiram

---

<sup>2</sup> A palavra *Yara* é utilizada pelos Paiter Suruí para designar o “branco”.

de guerras com os desbravadores e com os indígenas Nambiquara, porém ao chegarem a Rondônia tiveram que guerrear com os Zoró para conseguir um novo território onde morar. Com relação ao tempo que moravam perto de Cuiabá, o cacique da aldeia Gapgir, Joaquim Gasadahp Suruí, relatou:

Nós nasceu pra lá, né?... isso é que estava contando ontem, porque... ali era terra ruim, ali, né?... não tinha nada...mato...(...) lá era serrado é... lá tinha casa muito, que nem agora, né? ai sofria muito, né? nós travessava rio grande... morria muito quando atravessava... porque a gente faz... é... canoa de casca de pau, de madeira, ai... carregava muita gente assim pra travessar.. tombava... morria muita criança...né?...rio grande... não sei qual rio...

Os Paiter Suruí, conforme relataram, ficaram durante alguns anos livres da perseguição dos não-indígenas, mas ao chegarem à floresta amazônica, onde atualmente habitam, tiveram que lutar com outras etnias e mudar constantemente o local de suas aldeias.

Os primeiros documentos, que registram a história dos Paiter Suruí antes do contato oficial de 1969, relatam os diversos ataques ocorridos. A primeira referência escrita data de 1948 e relata o fato de cinco Paiter Suruí terem atacado e roubado um seringueiro em Nazaré. Em 1951, foi noticiado que, possivelmente, os Paiter Suruí haviam matado o filho de um seringalista de Cacoal. Em 1960, os indígenas Paiter Suruí, provavelmente, confundidos com Cinta-Larga, segundo os relatos dos moradores, fizeram antropofagia com uma vítima que mataram perto de Pimenta Bueno. Em 1961, os Paiter Suruí novamente confundidos com Cinta-Larga, queimaram a estação José Bonifácio. Em novembro de 1967, os indígenas mataram uma pessoa em Pimenta Bueno e duas em Riozinho. O autor confessou os ataques, após o contato, conversando com a cunhada de uma das vítimas em total normalidade. Resumindo, os relatos dos não-indígenas sobre a existência dos Paiter Suruí fazem referência a ataques que afetavam a vida dos colonos (MINDLIN, 1985).

Podemos afirmar que os Paiter Suruí, como muitos povos indígenas da Amazônia, eram (e ainda são em menor medida) um povo caçador e coletor que praticavam a agricultura itinerante ou de coivara. Ou seja, uma agricultura em que os indígenas abrem uma clareira na floresta para plantar certo tipo de alimento e depois da colheita, abandonam aquele espaço na para que ela reconquiste a clareira num processo natural. Por esta ação ser realizada por pouca população, se considera que esse tipo de trabalho na floresta não é prejudicial ao ecossistema como um todo. Os indígenas causam pequenas mudanças no ambiente sem fazer grandes danos à floresta, já que esta pode autorregenerar-se de forma natural sem maiores problemas.

Outra relação muito valiosa dos Paiter Suruí com a floresta são os *ipaga* (remédios do mato). Antes do contato essa era a única medicina que existia entre os indígenas, elaborada durante séculos e transmitida de geração em geração. Árvores, folhas, raízes e galhos eram utilizados como medicina, mas também com fins mágicos. Segundo um relato de Betty Mindlin, do dia 19 de Maio de 1979, quando foi passear com um indígena pela floresta para que lhe mostrasse as plantas e os seus usos:

Há gotas feitas de folhas para encontrar gente ou objetos perdidos, para ver o invisível; há anticoncepcionais, remédios para não menstruar, para tomar depois do parto, para um parto feliz, para ter filhos, para filhos homens ou mulheres, para febres, malária, gripes, diarreia e mil outros males. (MINDLIN, 2006, p. 26)

O galho de *petxab* (que significa amargo) era utilizado pelos Paiter Suruí para interromper a menstruação e para evitar a concepção, do qual raspavam a casca e se tomava como bebida diária. Já com o sumo de fiapos de um caule era preparado pelo Pajé uma espécie de colírio, que depois era pingado em todos da aldeia.

Em casos como o dos Paiter Suruí, um povo sem escrita e de tradição oral, podemos nos aproximar da sua história mediante os mitos e lendas. O

mito da criação, narrado por um indígena à antropóloga Betty Mindlin, trás o seguinte relato:

A nossa História diz que fomos criados por Pálop, Nosso Pai, que é um dos primeiros seres. Éramos gente, mas Pálop fez com que muitos de nós se tornassem animais, macacos, cutias, antas, veados, para termos caça para comer. Somos parentes dos bichos. (MINDLIN, 2006, p. 125)

Dessa forma, observamos como os Paiter Suruí se consideram parentes dos animais, com quem compartilham a floresta. Já o mito da origem das mulheres relata um fato singular, que nos faz entender o valor atribuído às árvores dentro dessa etnia. Segundo esse mito, as duas primeiras mulheres nasceram numa cabaça e eram filhas de Ibeab, um homem sozinho no mundo que copulou com um oco de árvore (MINDLIN, 2006). Através da cosmologia observamos também como os espíritos tem relação com a floresta, os espíritos *goanei* são os da água, os *goraei* são do céu.

#### **4. O povo Paiter Suruí, o contato oficial e a inserção no mundo capitalista.**

O primeiro contato aconteceu em 1969, feito pelo sertanista da FUNAI, Francisco Meirelles. Devido ao contato, houve uma epidemia de sarampo que matou cerca de 300 indígenas em 1971, lhes obrigando a abandonar suas malocas tradicionais e irem à busca de assistência médica. A partir desse momento, eles passaram a ser sedentários. Os impactos sofridos pelo contato com a sociedade não-indígena, no período de 1982 à 1987, foram o resultado da grande imigração atraída pelo Polonoroeste (Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil), financiado parcialmente pelo Banco Mundial e que tinha como uma das obras principais asfaltar a estrada Cuiabá-Porto Velho. Tal programa fez com que os indígenas perdessem quase a metade do seu território, o qual passaria para as mãos de empresas extrativistas e colonos, que seguiram invadindo a terra dos indígenas e inclusive fundaram pequenas fazendas

Em Março de 1972, Meirelles, diretor do parque Indígena Aripuanã (primeiro território demarcado que compartilhavam os Paiter Suruí e os Cinta-

Largas), enviou uma carta formal à FUNAI descrevendo como os colonos haviam invadido o parque, causando choques sangrentos com os índios e levando doenças infecciosas. Meirelles contou à imprensa brasileira que a FUNAI nada fez para remover esses colonos do parque, nem deu permissão para que ele, como sendo seu diretor, o fizesse (DAVIS, 1978).

Com a invasão das empresas extrativistas, os indígenas começaram a vender madeira ilegalmente e a perder drasticamente muitas das suas velhas tradições em favor da inserção no mundo capitalista. O supermercado substituiu a floresta como principal fonte de alimentação. Esse fato causou uma mudança radical nos hábitos alimentares e os indígenas começaram a sofrer de obesidade<sup>5</sup>. Com a expulsão dos colonos, os indígenas se apropriaram das antigas fazendas, começaram a criar gados e cultivar o café e da castanha que tinham plantado os invasores. Esse tipo de atividades econômicas, que não havia nenhuma relação com as suas tradições, lhes aportam recursos econômicos que lhes ajudam a não cair na miséria. O fato de estar perto da cidade, além do trabalho realizado pelos missionários evangélicos dentro da terra indígena, ajudou a substituir de forma gradual as relações que tinham com a floresta, sobretudo, espirituais. Já no século XXI começou uma espécie de “renascimento” da cultura Paiter Suruí, em que graças às novas lideranças formadas houve a criação de alianças com os movimentos ambientalistas, ONG's e empresas tecnológicas, para proteger a floresta da sua desapareição. Na atualidade, os Paiter Suruí passaram também a ser reconhecidos por utilizarem tecnologias do século XXI na sua luta contra o desmatamento da sua terra<sup>3</sup>.

Hoje, os Paiter Suruí são reconhecidos no mundo inteiro pelo trabalho realizado em defesa da floresta – graças, sobretudo, a atuação do chefe Almir Suruí, nomeado Doutor *Honoris Causa*, em 2013, pela Universidade Federal de Rondônia. Os Paiter Suruí souberam incorporar-se na sociedade globalizada do século XXI mediante o uso das novas tecnologias. Um exemplo é a criação

---

<sup>3</sup> Ver notícia em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2012/06/indios-suru-is-usam-tecnologia-para-defender-terra-do-desmatamento.html> Acessado em: 28 jan. 2015.

do mapa cultural<sup>4</sup> em parceria com o *Google Earth*, onde se pode observar claramente como os indígenas voltaram a valorizar a floresta. Outro projeto ambiental de suma importância, que permite gerar renda aos indígenas, é a venda de créditos de carbono às empresas poluidoras. O projeto Carbono Florestal Suruí faz parte do plano de 50 anos, que tem como objetivo aumentarem a renda dos Paiter Suruí, preservar a floresta e a sua cultura. Dito projeto foi validado em 2012 sob o Padrão de Carbono Verificado (VCS) e o Padrão Ouro de Clima, Comunidade e Biodiversidade (CCB), que são os principais para creditar projetos que visam reduzir as emissões de gases do efeito estufa produzidos pelo desmatamento e pela degradação florestal, um conceito conhecido como REDD. A iniciativa dos indígenas evitou que quase 205 mil toneladas de dióxido de carbono fossem emitidas na atmosfera pelo desmatamento entre 2009 e 2011. Anos e anos de luta contra as invasões de fazendeiros e madeireiros ilegais tiveram finalmente os seus frutos. No entanto, durante os últimos anos o desmatamento continuou (FERRONATO e NUNES, 2011) e o chefe Almir Suruí sofreu ameaças de morte por causa da sua postura ambientalista.

Os projetos dos Paiter Suruí não são vistos com bons olhos por todo o mundo, surgiram vozes críticas como a do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) ou inclusive entre alguns Paiter Suruí. Os Paiter Suruí são vistos como indígenas capitalistas porque aproveitam os mecanismos que o sistema capitalista oferece em prol do bem viver do seu povo. No número 368 da revista *Porantim* de setembro de 2014<sup>5</sup>, editada pelo CIMI, intitulada “Natureza à venda” e dedicada a criticar a economia verde<sup>6</sup>. Neste número aparecem dos

---

<sup>4</sup> Pode-se aceder ao mapa cultural Suruí no site: <http://www.paiter.org/mapa/> Acessado em: 28 jan. 2015.

<sup>5</sup> Resultaria interessante para uma melhor compreensão por parte do leitor, ler a revista *Porantim*, número 368 que pode ser acessada em: [http://www.cimi.org.br/pub/Porantim%20368%20-%20para%20SITE\\_1.pdf](http://www.cimi.org.br/pub/Porantim%20368%20-%20para%20SITE_1.pdf) Acessado em 14 de Janeiro de 2015.

<sup>6</sup> A “economia verde” inserida no sistema capitalista, entendeu-se, de forma geral, como um conjunto de sistemas produtivos (seja comerciais, agrícolas, industriais ou de serviços) que ao ser aplicado num determinado lugar possa gerar, neste, um desenvolvimento social e ambiental sustentável. O principal objetivo desse tipo de economia seria possibilitar um desenvolvimento económico compatibilizando-o com a igualdade social, a erradicação da

artigos que tratam sobre o povo Paiter Suruí. O primeiro é uma entrevista com o cacique da aldeia Sete de Setembro Henrique Yabaday Surui, com o título de “Pra que projetos que destroem a vida?” na que foram lançadas várias acusações contra o projeto de carbono Suruí, segundo Yabaday:

“Suruí tá assustado. Não tem para quem falar o que aconteceu com Suruí. O povo tá sem vida. Queremos a supressão do projeto pra voltar a ter a vida que tínhamos antes. Voltar a ser guerreiro (PORANTIM, 2014).

Noutro trecho da entrevista o cacique Yabaday afirma que “100% da comunidade é contra esse projeto” além de dizer que o povo Paiter Suruí era impedido de caçar, pescar, fazer roça tradicional e artesanato. Afirmarões que aos olhos das pessoas que visitaram a Terra Indígena Sete de Setembro são dificilmente críveis. A segunda matéria dedicada aos Paiter Suruí foi escrita por Michael F. Schmidlehner baixo o título “Projeto Carbono Suruí: ao invés de direito, dinheiro” critica o projeto e a empresa Natura. A resposta de Almir Suruí foi dada a través das redes sociais, mostrando a importância de dominar as tecnologias do século XXI por parte dos Paiter Suruí. A Segundo Almir Narayamonga Suruí:

Em resposta a entrevista concedida pelo Henrique Yabaday Surui publicada no Jornal Porantim, no dia 09/12/2014, com título “Para que projetos que destroem a vida?”. Agora eu pergunto: “por acaso ele tem um outro projeto ou iniciativa melhor para o povo Paiter Surui? Ate aonde sei, hoje o Henrique Surui e o maior articulador e destruidor de florestas e da rica biodiversidade da Terra Indígena Sete de Setembro, por estar envolvido ha bastante tempo na venda clandestina de madeira. Ele trabalha dia a dia para convencer as pessoas e famílias, afim de envolver os mesmos na ilegalidade”. A maior ameaça para o presente e futuro geração do povo Paiter Surui e seu território é o Henrique Surui. Ele acha que vender madeira e outras riquezas naturais a preço de nada é resgatar a autonomia e o direito coletivo do seu povo? E uma outra coisa, atualmente ele tem registro como ocupante da cadeira de assessor indígena, junto ao Instituto Nacional de Saúde Indígena - INSI de Cacoal, mas de fato nunca tem compromisso sério com a politica de saúde indígena, passa a maior parte envolvido com a negociação ilegal de madeira. Por muitos indígenas, ele e considerado o empecilho da implementação da politica de saúde indígena nas comunidades indígenas de Cacoal, por ser a pessoa que vem manipulando e

---

pobreza e a melhoria do bem-estar dos seres humanos, reduzindo a escassez ecológica e os impactos ambientais.

formando grupos de oposição em varias frentes da politica seria que almeja ser implantada nas comunidades por meio de planos de vida. E novamente pergunto: “Isso e defender direitos a vida dos Povo Paiter Surui?” “É esse tipo de trabalho que o CIMI apoia?” “Será que de fato CIMI, ou melhor, pessoas que trabalham no CIMI tem amor a causa indígena e quer a autonomia indígena?”(FACEBOOK, 2014).

O tema da chamada economia verde e dos projetos do povo Paiter Suruí suscitam um acalorado debate entre detratores e defensores, mas o que fica claro e que o povo Paiter Suruí mediante o seu *Labiway esaga* Almir Suruí, escolheu uma trilha diferente e polemica para conseguir uma melhoria no bem-viver do povo. Foram estes indígenas quem decidiram, mediante a maioria das lideranças de cada clã e aldeia, o seu próprio caminho afastando-se do velho preconceito de que o indígena tem que ser tutelado e que não consegue produzir nada. Mas esse caminho não é compartilhado por todos os Paiter Suruí, uma voz opositora aproveitou o jornal do CIMI para esclarecer para o mundo seu ponto de vista sobre o projeto de Carbono Paiter Suruí. Como em todas sociedades e grupos humanos, existem divergências e diferentes pontos de vista, os Paiter Suruí não são uma exceção. A uma escala global vemos como os projetos de “economia verde” são contestados por uns e alabados por outros, trata-se de dos pontos de vista opostos no que se refere às politicas que devem ser aplicadas para melhorar a saúde do nosso planeta. Rivalidades, divisões, diferencias de opinião, etc. existem em todas as sociedades com certo grau de democracia já que mostram que não existe o pensamento único. Estes embates de pontos de vista e de formas de entender o mundo são inatos a natureza do ser humano.

## **5. Conclusões**

Como observamos, tanto os mitos, os objetos, os rituais, os espíritos, os remédios e, inclusive, o nome dos clãs Paiter Suruí tem uma relação direta com a floresta. Portanto, os Paiter Suruí são um povo da floresta que durante séculos viveu em harmonia com o seu habitat, sabendo extrair tudo aquilo que necessitavam para o seu dia a dia sem destruir o ecossistema. Eram responsáveis por mudanças muito pequenas dentro da floresta, mediante a

agricultura itinerante, sendo a floresta capaz de autorregenerar-se de forma natural. Assim, a relação que tinham os Paiter Suruí com a floresta Amazônica antes de contato era de absoluto respeito e de inserção dentro da sua sociedade, até o ponto de considerarem-se parentes dos animais. A maioria dos aspectos da cultura material e imaterial desse povo indígena estava claramente ligada à floresta. Somente após o contato com os não indígenas, é que eles passaram a desmatar a floresta com a finalidade de obter recursos econômicos que lhes permitissem comprar produtos nos supermercados e assim ir abandonando o seu método de vida ancestral. Com o “renascimento” cultural iniciado no século XXI, os indígenas novamente entenderam que a floresta pode ser o seu sustento, valorizando a natureza e convertendo-se em lutadores ambientalistas do século XXI.

Os povos originários da América, como o caso dos Paiter Suruí, vem se inserindo na sociedade brasileira, o sistema capitalista e a globalização, embaixo do estandarte do ambientalismo, alguns com uma perspectiva capitalista e outros anti-capitalista. A proteção da floresta e por tanto do habitat ancestral dos indígenas, representa uma luta local com afetações globais. Durante aos anos posteriores ao contato oficial o povo Paiter Suruí foi dizimado por várias epidemias trazidas pelos não-indígenas, além de sofrer invasões no seu território. O desmatamento trouxe conseqüentemente a redução da caça, pesca e coleta. Os missionários, com os membros do SIL como ponta de lança, acabaram com as crenças ancestrais e o conhecimento das medicinas da floresta. Na dificultosa trilha da inserção no mundo dos Yara, foi plantada a semente do ambientalismo e das parcerias com ONG's e grandes empresas, por parte de Almir Suruí e seu equipe. A semente frutificou com o abono da economia verde e da solidariedade internacional com as causas indígenas e ambientais, no caminho para a inserção na globalização e o ambientalismo começaram a nascer flores em forma de parcerias e projetos (como por exemplo o Projeto Carbono Suruí que finalmente foi comprado pela empresa de cosméticos Natura). Mas nesse caminho que parecia ser com um tapete de rosas nestes últimos anos, apareceram as espinhas das rosas em forma de críticas (internas e externas) na figura internacionalmente conhecida do Almir

Suruí e um dos seus projetos estrela: o Projeto Carbono Suruí. Na maioria de sociedades do mundo existem visões enfrentadas, existem governos e oposição, o caso Paiter Suruí não é uma exceção. A polemica inaugurada pelo Jornal do CIMI, Porantim, mostra o embate entre dos visões diferentes de entender o ambientalismo, o capitalista e o anti-capitalista. Mas também faz renascer e visibilizar antigas rivalidades entre clãs e entre indivíduos da mesma etnia. Ao fim, o que mostra a recente polemica é que a sociedade dos Paiter Suruí entrou em debates inseridos no processo de globalização e do ambientalismo, mas sobre tudo mostra que os Paiter Suruí são uma sociedade viva e dinâmica inserida no mundo atual.

## 6. Referências

COORDENAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA, Corredor Tupí Mondé movimento indígena se articula na região. Manaus, 4 jul. 2011. Disponível em: <http://www.coiab.com.br/coiab.php?dest=show&back=noticia&id=741&tipo=N&pagina=4> Acessado em: 23 Agosto. 2013.

DAVIS, S. H. **Vitimas do milagre: o desenvolvimento e os Índios do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 208 p.

FACEBOOK. Perfil Almir Suruí. Disponível em: <https://www.facebook.com/almir.surui.7> Acessado em: 28 jan 2015.

FERRONATO, M. L.: NUNES, R. O. Exploração ilegal de madeiras na Terra indígena Sete de Setembro, Cacoal-RO. **Revista científica**, Cacoal, v.4, n.2, 2011.

GASADAHP SURUI, Joaquim. **Entrevista concedida a Zeus moreno Romero**. São Paulo, Janeiro de 2014

MINDLIN, Betty. **Diários da floresta**. São Paulo: Terceiro nome, 2006. 229 p.

MINDLIN, B. **Nós Paiter: os Suruí de Rondônia**. Petrópolis: Vozes, 1985. 193p.

ROMERO, Z. M. A luta do povo indígena Suruí-Paiter com as ferramentas tecnológicas do século XXI. In. XXI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: TRABALHO, CULTURA E MEMÓRIA. 2012, Campinas. **Anais do XXI Encontro Estadual de História**. São Paulo: ANPUH-SP, 2012.

PORANTIM, Natureza à venda. Brasília, set 2014. Disponível em: [http://www.cimi.org.br/pub/Porantim%20368%20-%20para%20SITE\\_1.pdf](http://www.cimi.org.br/pub/Porantim%20368%20-%20para%20SITE_1.pdf) Acessado em: 28 jan 2015.